

Resenha

A Marinha Brasileira na Era dos Encouraçados, 1895-1910

MARTINS FILHO, João Roberto
Tecnologia, Forças Armadas e política.
Rio de Janeiro: FGV, 2010. 221p.

Francisco Eduardo Alves de Almeida*

Raros têm sido os livros que abordam temas de Defesa e História Naval no mercado editorial brasileiro, apesar de todo o interesse do público com esses temas. Raros também têm sido os pesquisadores fora da caserna que publicam livros sobre esses temas. Deve-se reconhecer, no entanto, que nos últimos anos, a área de Defesa vem crescendo em produção e em qualidade, em razão do interesse de cientistas políticos e sociais por esses campos do conhecimento. Dentre esses intelectuais se distingue o professor doutor João Roberto Martins Filho, autor do *A Marinha Brasileira na Era dos Encouraçados, 1895-1910*. Professor do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal de São Carlos, João Roberto coordena o Arquivo de Política Militar Ana Lagoa e foi presidente da Associação Brasileira de Estudos de Defesa, demonstrando intimidade com temas militares e de Defesa.

O livro de João Roberto trata de um tema pouco explorado na historiografia naval brasileira que foi o período da compra dos grandes encouraçados classe *Minas Gerais* pela Marinha brasileira e as implicações dessa compra tanto para o Brasil como para o equilíbrio de poder na América do Sul. Sua obra assim é dividida em cinco capítulos bem balanceados e pesquisados, inclusive com idas de João Roberto à Inglaterra para verificar os documentos britânicos sobre o assunto, alguns inclusive inéditos.

O autor inicia seu relato descrevendo a Marinha Brasileira no final do século XIX, inclusive a sua condição crítica após a Revolta da Armada em 1893. Em paralelo, analisa as concepções estratégicas em voga no período, a batalha decisiva propugnada por Alfred Thayer Mahan e a *Jeune Ecole* formulada por Theophile Aube e o estado da arte naval na ocasião. O mais

* Instrutor e membro do Centro de Estudos de Política e Estratégia da Escola de Guerra Naval. Graduado em História (UFRJ), Mestre em História Comparada (UFRJ), cursa o Doutorado em História também na UFRJ. Foi Diretor do Serviço de Documentação da Marinha e é atualmente o Vice-Presidente do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil

interessante nessa análise é que em todo o momento João Roberto as correlaciona com o mundo naval brasileiro e seus interlocutores, principalmente Arthur Silveira da Motta, o Barão de Jaceguay. Em seguida ele inicia uma discussão interessante sobre os programas de Júlio de Noronha de 1904 e o de Alexandrino Faria de Alencar de 1906, apontando suas qualidades, deficiências, suas implicações para os campos operacional e logístico e seus impactos na Marinha brasileira. O mais interessante nessa discussão entre os dois programas é que até hoje os historiadores navais brasileiros discutem quais dos dois programas seria o ideal para a marinha naquela contingência, o que de uma certa forma, nos remete a discussão sobre a constituição da marinha do futuro nos dias de hoje, assunto muito caro ao almirante Armando Vidigal, recentemente falecido e um dos principais estrategistas brasileiros nos últimos anos. Com toda razão Benedetto Croce afirmou que toda história é história contemporânea.

João Roberto passa então a discutir o papel dos grandes estaleiros, em especial o Armstrong e o Vickers e seus instrumentos de persuasão no mercado externo, nem sempre claros e explícitos. Interessante notar que ele discute amplamente a discórdia ocorrida no mundo naval com a compra dos grandes encouraçados brasileiros e as implicações que a posse desses vasos de guerra provocou nas relações internacionais, baseado em fontes inglesas. Afinal o Brasil foi o único país a possuir um *Dreadnought* depois da Grã-Bretanha. Outro ponto muito bem descrito por João Roberto foi a chegada dos novos navios ao Brasil e as deficiências logísticas da marinha em manter esses colossos navais, principalmente no setor de pessoal. O mais interessante da discussão foi a descoberta de documentos ingleses com a opinião de suas autoridades com nossa preparação para a operação desses grandes navios. Em complemento o autor descreve a revolta de 1910, sem conotações ideológicas, atendo-se somente a documentação disponível e sua relação com os encouraçados adquiridos.

O que se depreende da leitura atenta da obra de João Roberto é que não se constrói uma marinha sem uma preparação prévia. As logísticas de material e de pessoal devem ser preocupações constantes dos chefes navais, como está sendo agora no programa de construção naval atualmente em desenvolvimento. A história não tem a veleidade de dar exemplos, mas sim de mostrar caminhos possíveis que foram ou não seguidos no passado. Para isso é que serve a história, para nos justificar o que somos no presente e para nos apontar aquilo que no passado nos foi desagradável ou prazeroso. João Roberto procurou em seu livro indicar o que foi feito, por que e como e os seus resultados, como deve ser o trabalho científico de um pesquisador profissional e sério. O livro de João Roberto pode ser considerado um marco na historiografia naval brasileira, suprimindo uma lacuna que estava aberta desde os trabalhos do almirante Hélio Leôncio Martins.

João Roberto escreveu um livro que eu gostaria de ter escrito.